

## **UMA ANÁLISE DA PAISAGEM CULTURAL DA LINHA TEMERÁRIA, COMO INSTRUMENTO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZADO**

### **AN ANALYSIS OF THE CULTURAL LANDSCAPE OF THE DRAFT LINE, AS AN INSTRUMENT FOR THE TEACHING AND LEARNING PROCESS**

Silvio Silmar Peters<sup>1</sup>  
Márcia dos Santos Ramos Berreta<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

A paisagem da Linha Temerária foi fortemente marcada pela colonização germânica a partir de 1860, quando ocorreu o assentamento dos primeiros grupos sociais europeus na localidade. Como forma de estabelecer relações e conexões de conhecimentos e aprendizados entre a paisagem como Marca-Matriz e os estudantes da comunidade rural, este estudo tem como objetivo principal evidenciar práticas a partir das experiências deles com o espaço no qual interagem cotidianamente. O estudo promovido na localidade ocorreu no período de 2018 a 2019. Para tal, inicialmente, foi estabelecido um caminho metodológico, que iniciou com um levantamento bibliográfico, observações com registros fotográficos e reflexões durante uma jornada na Linha Temerária. Analisando as possibilidades de práticas educativas híbridas que o lugar e a paisagem local oferecem, professor e estudantes passam a ser construtores de sentidos sobre a realidade a que estão expostos, favorecendo os processos de ensino e aprendizagem, cujas ações estão voltadas para a educação patrimonial e socioambiental, que resultou na elaboração de dois produtos para fins de divulgação, reflexão e preservação do patrimônio cultural e natural da localidade de Linha Temerária, em Nova Petrópolis.

**Palavras-Chave:** Linha Temerária. Paisagem cultural. Práticas Pedagógicas.

#### **ABSTRACT**

The landscape of the Temerária Line was strongly marked by the German colonization from 1860, when the first European social groups settled in the locality. As a way of establishing relationships and connections of knowledge and learning between the landscape as a parent brand and students from the rural community, this study has as main objective to highlight practices based on their experiences with the space in which they interact daily. The study carried out in the locality took place in the period from 2018 to 2019. For this, initially, a methodological path was established, which started with a bibliographical survey, observations with photographic records and reflections during a journey on the Temerária Line. Analyzing the possibilities of hybrid educational practices that the place and the local landscape offer, teachers and

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História (FACCAT). Mestre em Ambiente e Sustentabilidade (UERGS).

<sup>2</sup> Pós-doutora, doutora e mestra em Geografia - Análise Ambiental (UFRGS); graduada em Geografia (UFRGS) e em Estudos Sociais (UNISUL).

students become constructors of meanings about the reality in which they are exposed, favoring the teaching and learning processes, whose actions are focused on heritage and socio-environmental education, which resulted in the production of two products for the purpose of dissemination, reflection and preservation of the cultural and natural heritage of the locality of Linha Temerária.

**Keywords:** Temerary Line. School. Place. Landscape. Patrimony. Pedagogical Practices. Interdisciplinarity.

## 1 INTRODUÇÃO

Com o objetivo de promover relações de conhecimentos e aprendizados entre escola e uma comunidade rural, o presente artigo é o resultado das práticas pedagógicas a partir das experiências dos estudantes do ensino fundamental com o espaço no qual interagem cotidianamente. A docência, além de exigir o domínio do saber disciplinar, exige saberes pedagógicos para que o professor possa motivar, cativar e mobilizar os estudantes pela busca de novos conhecimentos e aprendizados que possam ser compartilhados a partir das experiências e realidade socioambiental de cada um.

A pesquisa foi desenvolvida entre o período de 2018 e 2019 e objetivou compreender, pelos estudos da geografia cultural e a história regional, a relação dos estudantes de uma escola rural com o ambiente de uma localidade conhecida como Linha Temerária. Essa localidade situa-se a noroeste do município de Nova Petrópolis<sup>3</sup>/RS, distante 10 km do centro urbano, que está encravada no Vale do rio Caí<sup>4</sup>, tem como acesso principal a BR 116, no sentido a Caxias do Sul.

No plano metodológico, esta pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que consistiu no levantamento de informações e estudo a respeito do lugar, a relação e compreensão do morador/estudante com o espaço, seu pertencimento, as motivações, valores e crenças deixadas pelas marcas e matrizes na paisagem. Para Arilda Schimdt Godoy (1995), a pesquisa qualitativa parte de questões ou focos de

---

<sup>3</sup> Nova Petrópolis, estabelecida entre os rios Caí e Cadeia, faz limite com os seguintes municípios: Gramado, Caxias do Sul, Vale Real, Linha Nova, Picada Café e Santa Maria do Herval. Sua formação e trajetória político-administrativa estiveram vinculadas a São Leopoldo, de 1858 a 1875. De 1875 a 1954, passou a configurar como 3ª Distrito de São Sebastião do Caí e, após 1954, adquiriu sua emancipação política, tornando-se município.

<sup>4</sup> Rio Caí que na língua tupi significa “água de mata”.

interesses amplos, que vão se definindo à medida que o estudo desenvolve-se. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A mesma ideia é compartilhada por Silveira e Córdova (2009), que reforçam que a pesquisa qualitativa centra-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, com propostas de produzir informações aprofundadas e/ou novas informações. Assim, o método qualitativo torna-se um convite para o ato de refletir e contextualizar o lugar, relações e as experiências e percepções dos estudantes, referente ao espaço onde estão inseridos. Como a aprendizagem não é um processo individual, mas dialoga com a vida cotidiana, acaba canalizando novas proposições metodológicas para conceber o processo de aprendizado na escola.

Então, como estratégia metodológica para a realização deste estudo, optou-se por aquela que contemplasse a prática docente em uma escola. Diante disso, o professor-autor deste estudo deparou-se com certas questões inquietantes no decorrer da sua atuação profissional. Uma delas, que procurou-se tencionar nesta pesquisa, refere-se à grade curricular, que os professores, visando vencer o conteúdo anual, em muitas situações, deixam de lado o conhecimento e as experiências dos seus estudantes com o lugar (espaço vivido<sup>5</sup>). Decorrente disso, estabeleceram-se alguns questionamentos: *Como se pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem envolvendo as disciplinas da área das Ciências Humanas, Natureza, Linguagens, Exatas e Religião, compreendendo as relações cotidianas dos estudantes com seus lugares? Qual a estratégia que poderia auxiliar para que se pudesse compreender o lugar onde está a escola? O professor-autor conhecia, compreendia e enxergava esses lugares também?*

Diante desses questionamentos, escolheram-se, para fundamentação teórica, autores como Milton Santos e Augustin Berque, pois eles fundamentam a estratégia

---

<sup>5</sup> Para Milton Santos (2014), o espaço apresenta conceitos distintos, mas, neste caso, o espaço vivido é o local indissociável das relações entre o ser humano e o meio ambiente, das possibilidades, das formas e as metamorfoses.

adotada na prática docente em uma escola, na perspectiva do estudo do lugar e da interdisciplinaridade, fornecendo o suporte para a leitura da paisagem.

Milton Santos (2014) entende que o espaço deve ser considerado, por um lado, como um conjunto indissociável de objetos geográficos, naturais e sociais e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. Quando se pensou em utilizar as duas categorias (lugar e paisagem), para esse entendimento, considerou-se que o espaço é, antes de tudo, um lugar construído por essa sociedade em movimento (espaço histórico). Assim, ficou registrado na paisagem da Linha Temerária o resultado de uma acumulação de tempos naquele lugar.

Os estudos sobre a paisagem local em âmbito escolar poderão colaborar e reforçar discussões sobre a relação entre a sociedade e o ambiente, assim como o envolvimento de todas as disciplinas do currículo escolar num âmbito mais interdisciplinar. Carl Sauer lembra de que “os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. [...] Sem essa visão de realidade da área de suas relações só existem disciplinas específicas, e não a Geografia como é geralmente entendida”. Para ele, a situação é similar àquela da História “[...] que pode ser dividida entre a economia, administração pública, sociologia e assim por diante; mas quando isso é feito, o resultado não é História” (SAUER, 1998, p. 22).

O uso da leitura da paisagem do lugar como recurso didático e metodológico no processo de ensino e aprendizado em todos os níveis permite novas possibilidades para a formação, (res)significação e crítica diante de situações que envolvem a problemática ambiental. Pode também auxiliar no rompimento com métodos descompassados na área do ensino, pois é necessário acreditar no potencial de metodologias que canalizam para o desenvolvimento e crescimento do estudante quanto à sua autonomia e ao seu protagonismo.

Autores como Izabel Petraglia (2011) fortalecem essas preocupações quando reforçam que o currículo escolar é mínimo e fragmentado, ou seja, é insuficiente tanto quantitativamente como qualitativamente, não oferece por meio de suas disciplinas a visão do todo e muitas, vezes, não se complementa e/ou não favorece um diálogo entre os saberes. Para Edgar Morin (2015), as instituições de ensino, básico e/ou superior, ainda ensinam os conhecimentos de forma fragmentada e não a natureza

do conhecimento, ou seja, o conhecimento por meio das nomenclaturas, crenças, teorias, ideias traduzidas e reconstruídas do real.

Produzir conhecimentos por meio das próprias experiências e vivências é um caminho pedagógico para que o estudante aflore sua autonomia. Por meio das múltiplas narrativas e saberes deles sobre a localidade, buscou-se refletir sobre os seus conhecimentos culturais com relação à escola e seu entorno. Além disso, como forma de produzir conhecimento por meio das interações, experiências, tempo vivido e vivências do lugar, Paulo Freire (2002) confirma que a realidade concreta na qual o sujeito interage deve ser associada aos conhecimentos abordados em aula.

Os estudantes que participaram da pesquisa fazem parte do Ensino Fundamental – Anos Finais (7º, 8º e 9º Ano). Ao todo, envolveram-se de forma voluntária 18 estudantes. A faixa etária deles variava entre 12 a 15 anos. Alguns deles dividiam seu tempo com os estudos da escola e as tarefas familiares. Por se tratar de uma zona rural, onde se encontra a escola, esses estudantes trabalhavam com seus pais no cultivo de frutas, verduras, e na criação de gado como forma de ampliar os rendimentos econômicos da família.

Como resultado final desta experiência e prática pedagógica, foram elaborados dois produtos que podem contribuir para a educação, conhecimento, desenvolvimento e reflexão referente às questões patrimoniais, sociais, culturais e naturais do município de Nova Petrópolis.

## **2 A ESCOLA COMO SUBESPAÇO PARA REFLETIR, DISCUTIR A REALIDADE SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO DO ENSINO E APRENDIZAGEM.**

Como proposta interdisciplinar pedagógica, realizaram-se as imersões entre os meses de agosto a novembro de 2019 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Beck (Figura 1), onde se promoveu a cultura da sustentabilidade, valorização do saber local por meio da leitura da paisagem, com a qual foram construídos significados segundo os interesses (re)descoberta da localidade, integrando conhecimentos, valores, habilidades, experiências e vivências. Nesse sentido, o movimento de participação dos estudantes no processo educativo foi relevante para

a identificação das aprendizagens desenvolvidas a partir de propostas que consideram o potencial pedagógico das saídas de campo.

**Figura 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Beck**



Fonte: Autor (2019).

Para Antônio Carlos Castrogiovanni (2011), a escola como subespaço inserido no espaço geográfico apresenta elementos que espelham a própria sociedade do lugar. Refletindo por essa linha teórica, o professor como mediador deve promover reflexões junto com seus estudantes e ainda decodificar as temáticas que envolvem para assim poder ser direcionado o mais próximo à realidade deles. Sob essa ótica, na localidade de Linha Temerária (Figura 2), articula-se o sujeito e o ambiente que, por meio de suas observações e entendimento daquele espaço geográfico na categoria de lugar, adquire habilidade para um novo olhar voltado ao pertencimento, às questões de identidade e espaço vivido.

**Figura 2 - Recorte de uma imagem de satélite da Linha Temerária**



Fonte: Mapcartas [2020].

A Linha Temerária possibilitou a esta pesquisa a relação do estudante com seu espaço natural e histórico-cultural por ser um local que se articulou historicamente pela relação sociedade e ambiente. Dessa forma, resta um espaço constituído por uma paisagem cultural de valor ímpar, influenciada por traços fisiográficos, como o vale formado pelo rio Caí, com suas margens de planícies fecundas, bem como os traços culturais deixados como herança pelos primeiros grupos de imigrantes e/ou descendentes de imigrantes germânicos que ocuparam esse lugar desde a segunda metade do século XIX. Essa herança cultural decorre das primeiras famílias de origem germânica, oriundas da Alemanha e da antiga colônia de São Leopoldo, que ocuparam ao longo do vale. Essas Marcas-Matrizes podem ser percebidas na arquitetura (Figura 3), algumas plantas exóticas, como pinheiro alemão (*Cunninghamia lanceolata*), carvalho europeu (*Quercus robur*) e plátanos (*Platanus acerifolia*), nos modos e costumes, na culinária, na vestimenta, no dialeto alemão e em alguns métodos de cultivo e trabalho.

**Figura 3 - Conjunto habitacional em técnica enxaimel original do final do século XIX**



Fonte: Autor (2019).

Essas formas de conceber a paisagem traduzem o próprio conceito criado por Augustin Berque, quando ele propôs um entendimento de paisagem enquanto “Marca e Matriz”, fundamentando um pensamento centrado na relação intrínseca e essencial entre o homem e o meio. “Esta integração compreende os aspectos físicos [...] e os aspectos fenomenais [...], uns e outros em perpétua correspondência e se entre-determinando de maneira ao mesmo tempo simbólica e ecológica” (BERQUE, 2000, p. 42-43). Neste caso, a Marca seria a paisagem concreta e Matriz, a paisagem fenômeno. Assim, a localidade de Linha Temerária configura-se numa paisagem com as suas formas geomorfológicas, sistema de ocupação e o uso da terra às margens do rio Caí.

Essas modificações do espaço, que se iniciaram com mais intensidade a partir da segunda metade do século XIX, possuem um valor justificável para pesquisar. Como o local carece de pesquisas, compreender as questões socioambientais, assim como promover e valorizar os estudos referentes ao patrimônio cultural artificial e natural são elementos-chaves como proposta de ensino e aprendizagem em instituição escolar. Compreende-se que estudar o local a partir das manifestações culturais, suas conexões sociais, suas potencialidades e suas relações em desdobramentos por parte dos seus agentes, alinhados aos estudos escolares colabora na construção de cidadãos mais conscientes sobre a sua realidade.

Em termos práticos, Helena Copetti Callai (2004) argumenta que estudar e compreender o lugar significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além das suas condições naturais e humanas, permite ao (s) sujeito(s) conhecer(em) a sua história e conseguir(em) perceber e compreender as movimentações/interações que ali acontecem. Dessa forma, cabe ao professor buscar informações que ampliem para si a percepção sobre os contextos de realidades aos quais seus estudantes estão submetidos.

A escola como um ponto de convergência entre comunidades de práticas pode estabelecer conexões entre o saber e experiências do local com os saberes curriculares da instituição. Consequentemente, a investigação, trocas e socialização de conhecimentos populares e científicos possibilitam aos sujeitos novos caminhos, permitindo-lhes um melhor conhecimento de si mesmos e da realidade em que vivem.

Partindo desse entendimento e contexto, Petraglia (2011) estabelece que o currículo escolar é mínimo e fragmentado, ou seja, é insuficiente tanto quantitativamente como qualitativamente, não oferece por meio de suas disciplinas a visão do todo e, muitas vezes, não se complementa e/ou não favorece um diálogo entre os saberes. Entende-se que (re)pensar o lugar pelo escopo da educação ambiental pode promover a preservação da identidade cultural, de bens culturais (material e imaterial) e naturais. Morin (2015) colabora com isso ao afirmar que o conhecimento e o aprender estão associados às influências, experiências e estímulos culturais. Por meio dessas experiências e estímulos, o sujeito transforma-se, constrói sua identidade e coloca seu aprendizado em função do ambiente onde interage.

Morin (2015) ainda destaca que cada sujeito é único na sua autonomia, comportamento e inteligência, mesmo que esteja inserido num espaço com semelhanças culturais, étnicas e sociais. É por meio dessa singularidade de cada estudante que os tornam protagonistas na construção do conhecimento e se percebem como sujeitos transformadores nas relações pessoais, políticas, econômicas, ambientais e culturais. Além disso, como forma de produzir conhecimento por meio das interações, experiências, tempo vivido e vivências do lugar, Freire (2002) confirma que a realidade concreta na qual o sujeito interage deve ser associada aos conhecimentos abordados em aula.

Considerando que o ensinar requer curiosidade, Freire (2002) também avalia que o exercício da curiosidade instiga a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser. Sobre esse contexto, Tim Ingold (2015) apresenta uma forma lógica de raciocínio sobre seres humanos e seu lugar no mundo, que envolve movimento e ligações, culturas, narrativas e conhecimentos diversos devido às suas trajetórias de movimentos, sendo cada indivíduo um foco de atividade em curso. Para além da percepção do professor, há a percepção de outros atores da vida em comunidade.

Por meio das experiências e relações em desdobramento, o conhecimento é gerado. Interagir com o outro é conhecer sua vivência, crescer em conhecimento por meio de suas histórias contadas, que podem ser relacionadas e conectadas à sua. Para Ingold (2015, p. 237), “[...] na história como na vida, é no movimento de lugar a lugar – ou de tópico a tópico – que o conhecimento é integrado”. Nesses espaços de interação e trocas de experiências, Lívia de Oliveira (2017) sinaliza que os lugares onde ocorrem vivências, experiências, movimentos e envelhecimentos, acontecem em uma história e em uma geografia. São espaços heterogêneos, com cores e nuances de luzes, com percepções diferentes, mas com interesses comuns.

Como a parte prática do trabalho moveu-se no cotidiano escolar e suas personagens sobre a perspectiva do local, cada estudante possui uma potencialidade específica a partir das suas experiências, reflexões e convivência em seu núcleo social. Assim, a partir da relação e compreensão que o estudante possui do seu espaço de interação, pode-se problematizar sua realidade com o contexto escolar. Castellar (2000) entende que é necessário aprender a pensar o espaço e, para isso, o professor deve criar condições para que o estudante leia o espaço vivido e perceba a complexidade ambiental, as riquezas do lugar em que interage.

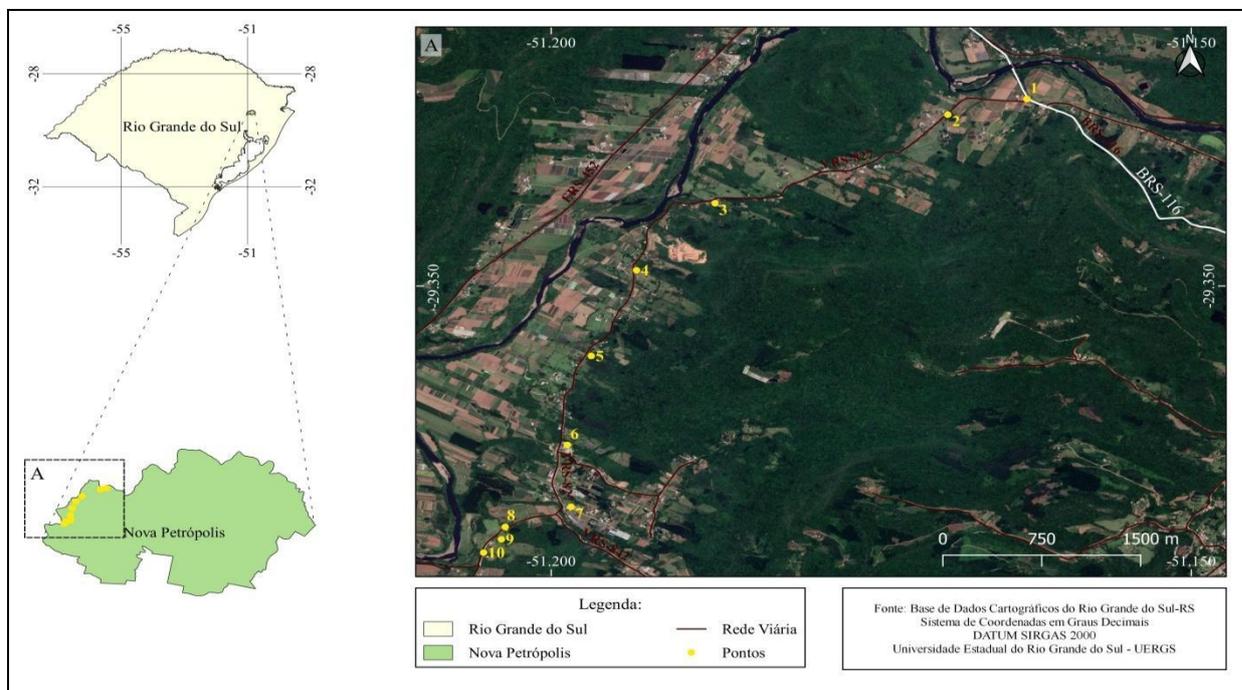
Pautado na educação, o professor também precisa conhecer e compreender a preferência ambiental do seu estudante. Como? Por meio das constatações que envolvem a herança biológica, a criação, a educação, os trabalhos, os arredores físicos, a história cultural e as experiências do seu meio físico (TUAN, 2012). Assim sendo, na esfera ambiental, a paisagem é indicadora de conteúdo vivo e de processos dinâmicos, ao observar a paisagem de forma integral e detalhada, as

intervenções/relações – sociedade/natureza – percebe-se no espaço as construções e narrativas socioambientais.

Fazendo parte dos objetivos da pesquisa, tendo como interesse compreender as nuances da localidade por meio das narrativas de seus moradores, o lugar analisado possui uma diversidade agrícola, cultivos de hortaliças, pomares, pastagem, criação de bovinos, ovinos etc., assim com um patrimônio cultural e natural singular. Além do processo de observações e para que fosse possível desenvolver a prática na escola, foram também realizadas saídas de campo no decorrer do verão de 2018 e 2019 para analisar os compartimentos topográficos e as transformações do espaço promovidas por seus agentes naturais e culturais.

Na saída de campo, utilizou-se um percurso de 8 km de extensão do acesso principal da localidade e 10 pontos marcados, que teve como objetivo analisar, refletir e compreender as interações entre o ser humano e seu meio natural (Figura 4).

**Figura 4 - Mapa do itinerário da leitura da paisagem realizada na Linha Temerária**



Fonte: Elaborado por Mateus Reis, outubro de 2020.

Segundo os pontos de amostragens, a paisagem analisada na Linha Temerária apresenta a descrição do mundo vivido dos seus habitantes. Este lugar é o resultado

da identidade coletiva, podendo ser forma, produto, processo e função que se apresentam com significados diferentes frente ao momento histórico em que está inserida. Ainda, articulam-se componentes naturais, econômicos, políticos, culturais e espirituais. Nessa perspectiva, o humano, como protagonista no seu próprio tempo, transforma seu espaço segundo as suas necessidades, onde deposita suas características culturais, tanto em nível material como imaterial.

Foram analisados compartimentos paisagísticos potencialmente significativos, isto é, conjunto de elementos no ambiente tanto humano como não humano. Como elementos humano no ambiente, encontram-se construções em técnica enxaimel e colonial eclética, que datam a partir da segunda metade do século XIX, espaço para práticas espirituais, instituição de ensino, áreas de cultivo e criação de animais. Nos elementos não humanos, inclui-se a história geológica moldada pelo rio Caí com relevo variado, formação rochosa basáltica e Botucatu, vegetação nativa e exótica.

Pontuando a localidade de Linha Temerária, as formas de ocupação, o uso da terra às margens do rio Caí, modificações do espaço a partir da segunda metade do século XIX, questões socioambientais, patrimônio cultural artificial e natural e educação ambiental, vinculados à área de estudo do meio rural, interior do município de Nova Petrópolis, fez-se a análise e reflexão da paisagem como proposta de ensino e aprendizagem em instituição de ensino básico.

A análise da paisagem pode ser percebida pelas formas de ocupação, o uso da terra às margens do rio Caí e modificações do espaço a partir da segunda metade do século XIX.

### **3 OS ESTUDANTES NUMA SALA DE AULA FORA DA ESCOLA: APRENDIZADO BASEADO NAS POTENCIALIDADES DO LUGAR**

Intervir com os estudantes em seu cotidiano por meio de temáticas relacionadas ao seu “universo” por meio do conteúdo curricular, com exemplos reais, faz com que eles tenham melhor entendimento, discernimento do mundo que fazem parte. Atuando diretamente com os estudantes, buscou-se em cada momento ampliar os conhecimentos pelas trocas das experiências e vivências com aquele lugar.

Sobre a qualificação do profissional da educação, Rodolpho Caniato (1992) sinaliza que esse deve estar cientes e refletir sobre a preparação profissional na área da educação, pois o bom professor deve expor todas as suas experiências, sua bagagem adquirida ao longo da sua formação. Ele deve promover a libertação intelectual e não um engessamento, pois precisa fazer uma ponte significativa entre as experiências espontâneas dos estudantes e conteúdo escolar. Assim, os professores devem procurar pela prática pedagógica proposta aos estudantes, mostrar a importância da preservação do patrimônio natural e cultural, tanto local como regional, sendo uma forma de manter a identidade dos grupos sociais que interagiram e interagem no mesmo ambiente. Essa sensibilização poderá contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes sobre a preservação da cultura local, sem distinção, assim como na preservação do ambiente na qual habitam.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, com o estudo proposto, foram utilizados como métodos encontros aleatórios no decorrer dos meses de agosto a novembro de 2019. As datas utilizadas para desenvolver as práticas seguiram o calendário escolar. Os dias foram organizados pela direção e supervisão, sem comprometer com mudanças bruscas a rotina dos estudantes. As datas foram organizadas no seguinte cronograma apresentado no Quadro 1:

#### **Quadro 1 - Cronograma das atividades desenvolvidas com os estudantes em 2019**

<b>Datas</b>	<b>Atividades</b>
<b>28 de agosto</b>	Reunião e apresentação da temática e proposta de trabalho aos professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Beck Filho.
<b>11 de setembro</b>	Reunião com a diretora e supervisora pedagógica com objetivo de alinhar os períodos, dias e meses para realizar as práticas do projeto.
<b>18 de setembro</b>	1º encontro com os estudantes na sala de aula (1h e 40min). Explanação do projeto para as turmas do 7º, 8º e 9º ano do Ensino Fundamental.
<b>25 de setembro</b>	2º encontro com os estudantes na sala de aula (1h e 40min). Percepção e entendimento dos estudantes sobre a paisagem da Linha Temerária.
<b>09 de outubro</b>	3º encontro com os estudantes na sala de aula (1h e 40min). Roda de conversa: o próprio lugar como objeto de ensino e aprendizagem.
<b>16 de outubro</b>	4º encontro com os estudantes na sala de aula (1h e 40min).

	Experiências e percepções dos estudantes expressadas em desenhos contendo elementos bióticos/abióticos e antropogênicos.
<b>30 de outubro</b>	5º encontro com os estudantes: saída de campo (3h e 30min). (Re)descobrimo a Linha Temerária pela leitura da paisagem do lugar.
<b>06 de novembro</b>	6º encontro com os estudantes na sala de aula (1h e 40min). Relatos dos estudantes, suas experiências e aprendizados. Encerramento.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Cada etapa foi significativa, mesmo sendo por poucas horas (dois períodos cada), serviu de termômetro na preparação para a saída de estudos ou campo. Em cada encontro, houve a preocupação em situar a região dentro do seu contexto histórico, geográfico e social dos estudantes, os quais estão conectados informalmente pelos conhecimentos compartilhados do lugar, o que os torna protagonistas na produção de conhecimento por meio de suas observações, vivências e experiências.

No contexto da proposta pedagógica, foram direcionadas algumas perguntas aos estudantes:

- a) Quando começa ou começou a história da Linha Temerária?
- b) O meio ambiente no qual estou inserido sempre foi assim?
- c) Que mudanças ocorreram?
- d) Como percebo o espaço onde interajo com o(s) outro(s)?
- e) Quando observo a paisagem da Linha Temerária, o que chama mais minha atenção?
- f) Qual a importância do rio Caí?
- g) O que ele tem em comum com outros rios do mundo como os rios Tigre e Eufrates, rio Nilo, rio Hindu, rio Ganges, rio Huang He (rio Amarelo), rio Reno, rio Elba, rio Amazonas, rio São Francisco, rio Paraná, rio Uruguai, rio Jacuí, rio Taquari, rio Ijuí, rio dos Sinos?
- h) O que são elementos humanos e não humanos incorporados na paisagem da Linha Temerária?
- i) Quais costumes ainda se conservam?

Para os estudantes, o entendimento sobre o rio Caí é que suas águas podem ser usadas para irrigação, já para a navegação é muito raso, mas percebem a importância para a manutenção das plantações, contribuindo para a economia local. Apesar disso, alguns moradores, os mais antigos, comentavam que havia épocas do ano em que pequenas embarcações navegavam até certo ponto. Levavam e traziam mercadorias diversas. Os estudantes ainda relataram que a pesca artesanal é realizada no rio e, ainda que em pequenas quantidades, possibilita a venda deste produto.

Sobre os costumes, ainda preservam o bolão e bocha, mantêm-se o dialeto alemão, o Kerb<sup>6</sup>, as famílias ainda fazem cucas, bolachas, têm danças típicas e brincadeiras. Alguns estudantes falaram sobre a agricultura e a forma de preparar o solo, utilizando técnicas ancestrais, como o arado de tração animal, mantidas até os dias atuais, mas apenas por poucas famílias. Destacaram nesse contexto a produção de hortaliças e a prática da agricultura. Comentaram ainda que houve um tempo em que a produção leiteira na região era promissora, contudo, devido ao baixo preço, à fiscalização e às normas de higiene para a comercialização e produção, acabou findando.

O ponto alto deste estudo para os estudantes foi a saída de campo, quando puderam compreender e associar os conteúdos estudados em sala de aula com a realidade. Puderam, naquele momento, perceber o quanto conheciam da história local, o quanto tinham aprendido na teoria e podiam observar na sua realidade, como os marcos temporais na paisagem, as interferências humanas e naturais. Outro ponto importante foi a troca de saberem em visitas, especialmente aos moradores mais antigos, que puderam relatar como sua residência – antigo comércio – realizava as trocas, quais produtos tinham, a importância da sua venda na localidade, além de contextualizar historicamente o risco de falar o dialeto alemão durante o período da Segunda Guerra Mundial. Considerou-se esse momento em que a história e a paisagem ganharam vida e um significado diferente como transformador na

---

<sup>6</sup> Compreendido como patrimônio cultural imaterial, o Kerb, faz parte de uma celebração religiosa. A festa pode estar associada ao santo padroeiro de uma localidade, assim como a uma inauguração da igreja local. A celebração, que envolve a confraternização entre os familiares, pode ser realizada no salão da comunidade ou nas próprias residências, que tem duração de até três dias.

perspectiva de como os alunos percebem seu próprio espaço e as próprias pessoas como fonte inesgotável de conhecimento.

Ressaltou-se a importância da comunidade em participar das atividades das escolas, a fim de socializar conhecimentos que nem sempre estão nos livros didáticos. Também se pontuou que, ao longo dos anos, as instituições de ensino estão mudando, saindo dos métodos tradicionais, isto é, livro didático e quadro. Hoje, há várias maneiras de ensinar, como usar o próprio lugar dos estudantes, no qual há informações que podem ser trabalhadas nas diversas áreas do conhecimento. Espaços possuem identidades, memórias. Nessa socialização de conhecimentos, foi possível compreender que o salão serviu como local de lazer, união entre os que frequentavam, alianças matrimoniais, festas em que se misturavam o sagrado e profano e ainda um espaço para trocas culturais, pois como o salão localiza-se próximo ao acesso principal, grupos sociais podiam transitar entre São Sebastião do Caí e Caxias do Sul. Os estudantes entendem que, se preservarem o patrimônio arquitetônico, estão conservando parte das suas origens, identidades, memórias e história.

#### 4 RESULTADOS DA PESQUISA

Como resultado e de forma interdisciplinar, foram desenvolvidos dois produtos que contribuem para a educação, conhecimento, desenvolvimento e reflexão referente às questões patrimoniais, sociais, culturais e naturais do município de Nova Petrópolis.

Os produtos em formato digital correspondem a um livreto e uma proposta de roteiro para caminhada disponível no *Google My Maps*. Ambos apresentam vários pontos selecionados da Paisagem da Linha Temerária, que identificam as marcas do lugar e envolvem fotografias dos pontos, por meio das quais se pode perceber o conjunto de formas, estruturas e funções que caracterizam cada parte observada. A proposta dos produtos desta pesquisa procurou sinalizar, identificar e ampliar a divulgação e vocação da comunidade.

No tripé que compõe o produto, está a valorização da paisagem enquanto Marca e Matriz, a apreciação histórica, espiritual e identitária da comunidade,

alternativas metodológicas que podem ser abordadas em sala de aula envolvendo os aspectos socioambientais. Portanto, esse material desenvolvido poderá fomentar a conscientização da preservação do patrimônio natural e cultural, o turismo, as pesquisas socioambientais, a educação, entre outros. A seguir, apresentam-se mais informações acerca de cada material desenvolvido:

1) **Mapa digital do *Google My Maps***

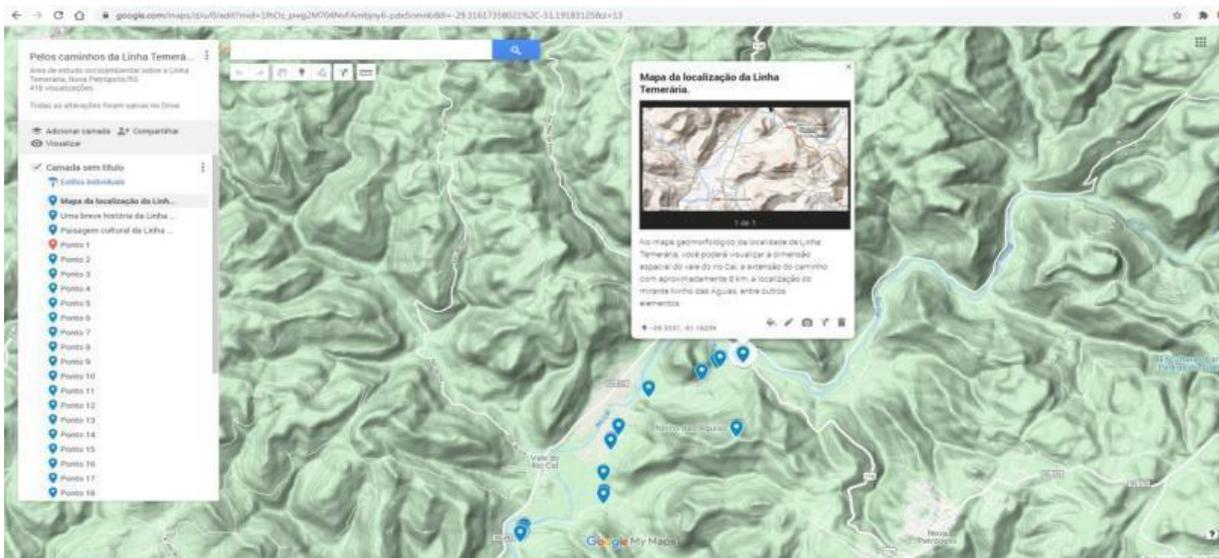
No mapa digital, cada ícone selecionado que compõem o itinerário cultural, quando acessado, apresenta uma imagem do ponto (fotografias) com informações, que envolvem a localização, o patrimônio cultural e natural, a fauna e flora, setores econômicos, espaço religioso, de esporte e lazer. Em formato didático, as descrições de cada lugar contribuem para a educação, conscientização, valorização e preservação da localidade de Linha Temerária.

**Título do mapa:** Pelos Caminhos da Linha Temerária: Lendo as Marcas na Paisagem.

**Descrição:** Área de estudo socioambiental sobre a Linha Temerária, Nova Petrópolis/RS

**Link de acesso:**

[https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1fhOz\\_pwg2M704NvFAmbjny6-pdeSnmnb&ll=-29.35664056996948%2C-51.19183125&z=13](https://www.google.com/maps/d/edit?mid=1fhOz_pwg2M704NvFAmbjny6-pdeSnmnb&ll=-29.35664056996948%2C-51.19183125&z=13)



## 2) Livroto da Série Paisagem e Lugar

O livreto intitulado “Caminhando pela Linha Temerária: Um Convite à Leitura da Paisagem” teve como objetivo divulgar a localidade para trilheiro(s), cicloturista(s), aventureiro(s), estudante(s) e comunidade geral para conhecer as características ambientais e culturais da localidade.



Como a localidade possui característica singular, gerando uma identidade própria do lugar, os produtos desenvolvidos objetivam alcançar um maior número de pessoas, não ficando estritamente no ambiente acadêmico, mas que se torne

presente nas instituições de ensino básico, locais públicos e privados, visto que essa é uma forma de contribuir, pensar e promover a educação patrimonial e ambiental.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O local quando estudado vêm ao encontro dos interesses da sociedade para a produção de saberes locais, tendo como finalidade a preservação da identidade, memória, modos e costumes, proteção ambiental, práticas de sustentabilidades, percepção do meio geográfico, flora e fauna, significados e relações entre sujeito-ambiente.

A referida pesquisa procurou analisar e promover a sensibilização, a reflexão, a preservação, a aplicação de conceitos que envolvem as questões patrimoniais culturais e naturais, a identidade, a memória, o meio ambiente e a paisagem do lugar onde estão depositadas as matrizes dos grupos sociais. Incorporado a esse contexto, a análise da paisagem na localidade de Linha Temerária, município de Nova Petrópolis, pode mostrar as diferentes formas de ocupação e tecnologias para a adaptação dos grupos sociais no ambiente local, ocorrido há 190 anos.

Tal leitura do ambiente abordado no contexto escolar permite que os estudantes reconheçam-se no interior desse espaço, tornando-se protagonistas do conhecimento e adquirindo consciência histórica ambiental. Para isso, o professor deve facilitar e orientar, promover a reflexão sobre a relação sujeito/ambiente, escolhas e avaliações, possibilitando ações socioeducativas e a autoaprendizagem, fomentando os laços afetivos socioambientais ligados aos valores éticos, morais e espirituais. Consequentemente, poder-se-á contribuir na diminuição dos conflitos sociais, desequilíbrios ecológicos, consumo de recursos e esgotamento ético e moral.

As escolas enquanto espaços públicos devem estar abertas aos saberes locais, com assuntos relevantes e do cotidiano do estudante, por meio do qual possa desenvolver aprendizagem significativa. A interação dos conhecimentos tradicionais e escolares pode promover o fim da dicotomia entre o local e o global. Cabe também à escola, como sendo uma instituição transformadora do sujeito, reconhecer e valorizar a cultura local com possibilidades de incorporar no seu currículo escolar.

A essa construção e preservação do ambiente, onde ocorrem as manifestações culturais material e imaterial, que se interpreta na atualidade como patrimônio cultural, torna o local portador de significados de valores e crenças, pois ali estão depositadas as histórias e experiências do tempo presente e do passado dos personagens que o ocuparam e ocupam.

Perceberam-se nessa localidade – Linha Temerária – as manifestações de cada grupo familiar e/ou social do sentimento e preocupação em guardar e dar continuidade a alguns elementos essenciais para não cair no esquecimento, como os valores, modos e costumes familiares que norteiam e asseguram de alguma forma a vida individual ou coletiva dessas pessoas.

O desejo de conservar as lembranças e memórias dessas comunidades que podem estar expressos na arquitetura, no dialeto e ainda em alguns métodos de trabalhar e cultivar o solo, saberes e fazeres, costumes e hábitos, são percebidos como possibilidades da construção da identidade local e de manter viva a memória de seus antepassados, além de conservar o ambiente cultural e natural.

As escolas enquanto espaços públicos devem estar abertas aos saberes locais, com assuntos relevantes e do cotidiano do estudante, o qual tenha a possibilidade de desenvolver uma aprendizagem significativa. Cabe também à escola, como instituição transformadora do sujeito, reconhecer e valorizar a cultura local com possibilidades de incorporar no currículo escolar. O professor como mediador não pode pensar apenas no conteúdo em si, precisa relacioná-lo com a realidade do estudante e do espaço com o qual se conecta. Assim, sugere-se que estudos semelhantes a este, em que os professores possam trabalhar de forma coletiva e intervindo na observação e preservação da cultura local, possam permear a prática pedagógica escolar, uma vez que faz mais sentido na vida do aluno a aproxima-o do seu objeto de estudo, valorizando sua presença no local em que habita e coloca-o como protagonista não apenas de sua história, mas da história do local onde está inserido.

Esta pesquisa trouxe uma possibilidade de estudo em que os alunos assumem o papel de protagonista em seu meio e assumem o compromisso de pesquisar, valorizar, divulgar e manter os costumes familiares, interferindo de modo a preservar pontos importantes da paisagem natural. Assim, espera-se que este estudo sirva de incentivo à novas práticas escolares e que mais estudos possam ampliar a experiência

aqui relatada, a fim de construir significados mais duradouros tanto para os alunos quanto para seu meio e para os conteúdos escolares.

## REFERÊNCIAS:

BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato ZENY, Rosendahl; (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

BUBLITZ, Juliana. Os significados da floresta: Elementos para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *In*: PEREIRA, Elenita Malta. RÜCKERT, Fabiano Quadros; MACHADO, Neli Galarce (orgs). **História ambiental no Rio Grande do Sul**. Lajeado: UNIVATES, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo**: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CANIATO, Rodolpho. **Com ciência na educação**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

CASTELLAR, S. M. V. A alfabetização em geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n. 37, p. 29-46, jul./set. 2000.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* Práticas para o ensino da Geografia. *In*: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos *et al.* **Iniciação à Docência em Ciências Sociais, Geografia e História**: (Re)inventando saberes e fazeres. São Leopoldo: Oikos, 2011.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: UFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ZENY, Rosendahl (orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GODOY, Arilda Schimdt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimentos, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.



MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A paisagem como fato cultural. *In*: YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver**: manifesto para mudar a educação. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NODARI, Eunice Sueli. “Mata Branca”: o uso do machado, do fogo e da motosserra na alteração da paisagem no Estado de Santa Catarina. *In*: KLUG, João, NODARI, Eunice Sueli (orgs.). **História Ambiental e Migrações**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR, Eduardo; CAVALCANTE, Tiago Vieira (orgs.). **Percepção do meio ambiente e geografia**: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin**: a educação e a complexidade do ser e do saber. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2014.

SAUER, Carl Ortwin. Morfologia da paisagem. *In*: CORR A, R. L., ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana. SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de pesquisa**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2018.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012, p. 91-93.

WEIMER, Günter. Arquitetura rural da imigração alemã. *In*: WEIMER, Günter (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.